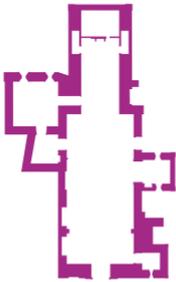


37.

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE VILA BOA DO BISPO



Av. P. António da Cunha
Machado, Vila Boa do
Bispo, Marco de Canaveses



41° 7' 49.40" N
8° 13' 13.79" O



918 116 488



Dom. 11h



Santa Maria
15 agosto



MN (Igreja/Túmulos)
IIP (Mosteiro), 1977



P. 25



P. 25



x

Referido na documentação dos séculos XI e XII como Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa, este cenóbio estava já ligado aos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho em meados do século XII. Segundo a tradição, foi este Mosteiro de Vila Boa fundado entre 990 e 1022, por D. Monio Viegas, irmão de D. Sisnando, bispo do Porto entre 1049 e 1085, no local da refrega entre cristãos e muçulmanos que, vitimando D. Sisnando, assim o imortalizou.

Desde as suas origens que este Mosteiro se liga à linhagem dos Gascos de Ribadouro, família nobre que alcançou grande influência na época. Senhores de um grande número de mosteiros estrategicamente posicionados ao longo dos afluentes do Douro, em ambas as margens e nos percursos da Reconquista, estes senhores controlavam assim uma ampla área geográfica a norte e a sul do rio Douro. Apesar da sua localização estratégica, este território apresentava condições favoráveis à vida monástica: acidentado, era pouco frequentado pelos viajantes e fora recentemente arroteado e repovoado por uma população que, nos séculos seguintes, se mostrou bem enraizada. Durante algum tempo identificam-se



membros da estirpe dos Gascois, diretos descendentes deles, na posse de haveres em Vila Boa do Bispo ou no território da atual freguesia.

A sua importância foi tal que, por então, recebeu carta de couto de D. Afonso Henriques (r. 1143-1185), em 1141, e foram-lhe concedidos privilégios especiais pelos pontífices da época: os priores do Mosteiro podiam usar mitra (*Breve* de Lúcio II, 1144) e receberam a distinção do uso do báculo (*Bula* de Anastácio IV, 1153). Nos séculos XIII e XIV era Vila Boa do Bispo um dos mais ricos e poderosos mosteiros da região.

Os vestígios românicos que restam (e que a grande remodelação do século XVII ainda deixou a descoberto) comprovam a riqueza do percurso histórico deste Mosteiro. Tendo em conta a sua localização, cremos mesmo que a obra que transfor-

mou significativamente esta Igreja aproveitou grande parte da fábrica românica. É na frontaria da Igreja que encontramos os elementos mais originais da época românica. Embora incompletas, as duas arcadas cegas que ladeiam o portal principal, totalmente transformado durante a Época Moderna, ostentam em terras do Baixo Tâmega uma solução que se familiarizou no românico desenvolvido em torno do eixo Braga-Rates, mas que também encontramos em Santa Maria de Pombeiro (Felgueiras) (p. 30): sobre as aduelas, animais uniafrontados que, pelo carácter evoluído e tardio do seu desenho, devem ter sido concebidos na transição do século XII para o XIII. Refletindo influências estrangeiras, esta forma de decorar a fachada seria ímpar entre nós, o que faria de Vila Boa do Bispo um *unicum* no seio da arquitetura românica portuguesa.

OS MILAGRES DE D. SISNANDO

Segundo as crónicas, foi a cerca de uma légua do atual Mosteiro que o bispo D. Sisnando, há algum tempo recolhido no Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa, fundado por seu irmão, fora surpreendido numa ermida pelos mouros quando celebrava missa. Assassinado pelos infiéis, teria sido enterrado pelos monges do cenóbio debaixo do altar da capela em moimento de pedra. Conforme nos contam frei Nicolau de Santa Maria e frei Timóteo dos Mártires, o bispo do Porto, D. Pedro Rabaldís (episc. 1138-1145), tendo ouvido falar dos milagres que se operavam junto da sepultura de D. Sisnando, visitou-a em 1142. Mas, perante o estado lastimoso da capela que encontrou, mandara transferir o corpo do bispo martirizado para Vila Boa. No entanto, foi graças às crónicas do século XVII que se começa a usar o epíteto de "do Bispo".

Sob a cornija da capela-mor veem-se ainda os cachorros românicos, um deles mostrando um rosto a ocupar todo o espaço disponível. No lado sul da Igreja, na nave, estreitas frestas de evidente sabor românico, foram postas a descoberto. A partir dos elementos visíveis pode-se afirmar que a primitiva capela-mor seria quadrangular, teria abóbada de pedra (conforme denunciam os contrafortes) e seria, também ela, ornamentada exteriormente por arcadas cegas. Mas o mais significativo elemento é um capitel que ostenta o tema da sereia, de dupla cauda, muito bem conservado. A julgar pelos vestígios de arcos colocados a descoberto no interior da Igreja, somos também levados a supor que também esta seria decorada com arcadas cegas.

A tumulária impera em Vila Boa do Bispo. Além da inscrição funerária de D. Monio Viegas, o Gasco (gravada numa tampa de sarcófago ambientado por um arcossólio, no claustro do Mosteiro), que coloca o seu passamento em 1022, embora este letreiro tenha sido realizado talvez no século XIII, atente-se aos três sarcófagos que nos oferece esta Igreja. Na nave, no lado esquerdo, dois deles estão inscritos em arcossólios, um deles rasgado já em pleno século XX, o outro coevo do túmulo que abriga. O primeiro guarda os restos mortais de D. Nicolau Martins (fal. 25 de novembro de 1348), cujo jacente ostenta a mitra e o báculo, uso que foi permitido por Roma aos priores deste Mosteiro. No segundo repousa D. Júrio Geraldês (fal. 30 de janeiro de



1381), memorado trajando vestes civis (foi corregedor do rei D. Fernando I (r. 1367-1383) no Entre-Douro-e-Minho), segura uma espada embainhada e a seus pés tem um lebréu, símbolo de nobreza que pratica a caça e montaria. Pensa-se que estes dois túmulos com jacente terão sido encomendados pelo corregedor depois de 1362 à oficina do mestre João Garcia de Toledo, arquiteto responsável pela obra gótica do claustro do mosteiro de Alpendorada (Marco de Canaveses). Incluem-se entre o que de melhor se produziu no domínio da estatuária jacente no Entre-Douro-e-Minho e, de uma forma geral, em toda a estatuária de granito de Portugal, revelando uma qualidade invulgar. No adro do Mosteiro, por fim, jaz o túmulo de D. Salvado Pires que, não apresentando qualquer elemento cronológico, a sua feitura não se afastará da cronologia das anteriores. A sua inscrição identifica a linhagem deste prior, os Milhaços e os Peixões, o que a pedra de armas confirma.

No século XVI passou este Mosteiro à gestão dos comendadores e no seguinte as crónicas enalteciam de forma laudatória a importância da lenda que se liga à fundação desta casa monástica. É, pois, neste contexto que a Igreja românica vestiu uma nova roupagem. Conforme indicam as várias cartelas estrategicamente colocadas no interior do edifício, as principais transformações ocorreram entre 1599 e 1686.

Na capela-mor respira-se barroco. O revestimento azulejar, em azul-cobalto sobre branco, nas paredes laterais conjuga a composição de figura avulsa no registo superior com uma elaborada composição de motivos florais em jarrões, ladeadas por figuras femininas híbridas, com cercadura de folhas contorcidas. O retábulo-mor foi composto dentro do gosto do barroco nacional. O artesoado do teto, igualmente de cariz barroco, cedeu lugar a um conjunto de pinturas murais do século XVII, descobertas por baixo deste em 2012.





Na nave impera a pintura de *trompe-l'oeil*, seja com marmoreados (porta da sacristia, púlpito e arco de sustentação do coro) ou com decoração cenográfica. Na capela do Santíssimo Sacramento abundam elementos arquitetónicos fingidos e a comum ornamentação floral com elementos brutescos ao gosto da celebração barroca.

Os retábulos colaterais, em estilo nacional, evocam o Sagrado Coração de Jesus e a Virgem do Rosário e, o lateral, na nave do lado esquerdo, a Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Um extravagante varandim com balaustrada com falsos marmoreados, no lado esquerdo da nave, mostra uma base decorada com *chinoiserie*. É suportado por um atlante sobre uma meia-concha.

AS INTERVENÇÕES DO SÉCULO XXI

Foi numa intervenção realizada em 2006 que se acentuaram os testemunhos românicos, criando um contraste de claro-escuro entre o seu granito e o caiado dos muros internos e externos da Igreja. Não deixa de ser curioso o facto de se ter optado por repor o reboco nesta Igreja de Vila Boa do Bispo, já em pleno século XXI, contrariando a opção que mais imperou no século anterior ao nível da intervenção em igrejas românicas e que passou, precisamente, pela remoção desse mesmo reboco. Note-se, ainda, que como resultado das mais recentes intervenções (2012), é, hoje, possível apreciar a pintura mural seiscentista representando temas hagiográficos que reveste a abóbada e que os caixotões tinham vindo a ocultar.

